

Crónicas... e agudas da Especialização Desportiva Precoce

(algumas das crónicas publicadas no JL, entre 2006 e 2010, que versaram esta temática ou outra afim)

Preâmbulo:

Quando os talentos ficam... lentos

Olheiros, dirigentes, vivem na ilusão da detecção de talentos. A sofreguidão é tanta que começa a ser relativamente comum encontrar anúncios para que crianças de idades tão baixas como 5 anos prestem provas em determinados clubes, normalmente de futebol. Chega-se ao cúmulo da ignorância e da imprevidência, para não lhe chamar pior, de pedir uma posição específica, nestas idades. *Talentoso* será alguém que apresenta uma aptidão invulgar, natural ou adquirida, para o exercício de uma determinada actividade. Mas será possível verificar esse talento aos 5, 6, 7 ou mesmo 10 anos? Será que a única bitola que esses *experts* utilizam é essas crianças serem claramente superiores, na sua prestação motora, às da sua idade? Algo, porventura, lhes garante que essa superioridade se irá manter em idades mais avançadas? Ou será que se contentam em ser campeões de escolas, infantis e iniciados? Quantos mais artigos teremos de escrever para que pais, dirigentes e responsáveis desportivos em geral se consciencializem de que é perfeitamente criminoso, em termos desportivos mas não só, querer ver rendimento desportivo nos escalões de formação? Se *candeia que vai à frente alumia duas vezes*, também o *último a rir é o que ri melhor*. Quantos e quantos *talentos* aos 10 anos não passam a perfeitas desilusões aos 15, 18, ou mais tarde? E quantos perfeitos desconhecidos, quais tartarugas vagarosas face a lebres apressadas, não despontam para as luzes da ribalta sem nunca terem tido os holofotes da ganância apontados a si?

E os pais: não podem fazer nada? Podem. Podem fazer o que devem, que passará, nestas situações, por dizer não. Não à ânsia desmedida, não à degola dos inocentes. A quem aproveitará encher a cabeça das crianças de ilusões? Às crianças, não me parece que seja.

Recorrendo novamente à voz do povo, *depressa e bem não há quem, devagar se vai ao longe e cadelas apressadas parem os filhos cegos*.

Estava tudo a correr tão bem... (maio de 2007)

15.00 horas. Cento e vinte minutos para o início do jogo.

Centenas de miúdos, juntamente com os seus pais, divertem-se alegremente no estádio Dr. Magalhães Pessoa. Muitos jogam *à bola*, em imaginários retângulos em que o campo

foi dividido, tropeçando algumas vezes, caindo outras, mas sempre sorrindo. Os golos mais artísticos são entusiasticamente aplaudidos, por todos, colegas da mesma e da equipa contrária. Todos jogam descalços, experimentando as suaves carícias e o prazer do toque da relva nas plantas dos pés! As bolas, de esponja, não aleijam. Mais além, procura-se manter uma bola de voleibol no ar, o que nem sempre se consegue. Contudo, o riso é, também aqui, uma constante. Miúdos e miúdas que andam na ginástica divertem-se a fazer rodas, *flicks* e mortais. Descalços! Outros experimentam a pista. A impulsão do *tartan* quase os faz levantar voo, arrancando-lhes gritinhos de prazer. As barreiras, espalhadas na pista, não são obstáculo! As caixas de areia também estão ocupadas. Numa, a construção de fantásticos castelos ocupa uma dezena de mini-escultores, pouco incomodados com os grãos de areia que insistem em entranhar-se um pouco por todo o lado. Já na outra, ensaiam-se uns saltos compridos: corrida de balanço, chamada, voo e... queda artística! Depois de saltar, cada um deixa uma fitinha, de cor diferente da dos outros, na borda da caixa, a marcar a distância atingida. Na vez seguinte, tenta-se ir mais longe: pequenos saltos para a modalidade, grandes voos para a personalidade!

Toda agente se mexe, exercitando com gosto o gesto nunca exatamente repetido.

16.00 horas. Pausa para lanche. Toalhas coloridas rivalizam com o impacto visual das cadeiras do estádio. As famílias reúnem-se e misturam-se, retemperando forças e fortalecendo a convivência. Partilha-se a comida com a mesma alegria com que antes se cruzaram movimentos e se ensinaram habilidades.

16.30 horas. Os jogadores começam a entrar no relvado para aquecer para o jogo. As famílias retiram-se para as bancadas, não deixando o mínimo vestígio da sua passagem. Apenas os ecos da sua fruição!

O jogo está prestes a começar. Não se veem polícias no estádio, nem fora dele. A claqué da equipa visitante não foi barrada na autoestrada nem convidada a voltar para trás. Não há lugares reservados para “locais” e para “visitantes”. Os assistentes limitam-se a apoiar a sua equipa, entoando cânticos melodiosos, não injuriando a equipa parceira. As bandeiras, desfraldadas, não contêm insultos, obscenidades, ou símbolos ofensivos.

O jogo começa. O respeito entre os jogadores é evidente. As faltas, inevitáveis, são ocasionais e não maldosas. A atuação do árbitro passa despercebida, não havendo, por parte do público, qualquer referência à sua mãe.

Quando alguém, fortuitamente, é lesionado, o jogador responsável sai também do campo, aguardando o seu restabelecimento, evitando-se o evidente benefício do infrator.

Não se verificam manobras para *queimar tempo*, não só porque o espírito desportivo é algo que todos respeitam mas também porque, seguindo os exemplos do futsal e do basquetebol, o cronómetro para sempre que a bola não está em jogo.

A certa altura, o árbitro apita. Ninguém percebe qual foi a falta, mas, ainda assim, ninguém protesta. Estranhamente, o árbitro continua a apitar, cada vez mais alto, cada vez mais forte, cada vez mais perto...

08.00 horas. Maldito despertador! Bem, horas de levantar e ir para a ESEL. Às 09.00 horas vou dar uma aula sobre Atividade Física, Lazer e Saúde, e às 11.00 horas o tema é o *Fair-Play* e as regras desportivas.

Medalhite precoce (agosto 2007)

Por vaidade, ganância e, certamente também, dose substancial de ignorância, muitos jovens são empurrados prematuramente para a obtenção de *resultados*, sendo a sua (e a dos seus técnicos) qualidade avaliada pela quantidade de medalhas que vão obtendo aqui e ali. O fato de se dedicarem páginas inteiras a garotos de 10 anos (ou menos!), salientando os seus *resultados*, é sintomático desta visão distorcida do que deveria ser uma carreira desportiva construída a pensar no longo prazo, respeitando as particularidades de corpos e cérebros em crescimento. Só se poderá alcançar o mais alto nível, em adulto, sem lesões incapacitantes e sem abandonos prematuros por saturação, se se proceder de forma cuidadosa e ponderada, evitando, a todo o custo, sucumbir à tentação de introduzir curto-circuitos neste trajeto para a obtenção de *resultados* efémeros e completamente irrelevantes. Se ninguém infere tempos finais na maratona pelos resultados que os atletas conseguem fazer em 400 metros, por ser impossível manter este ritmo, por que diabo se há de dar tanta importância a *resultados* em infantis, iniciados, juvenis, etc, quando, muitas das vezes, se trata apenas de miúdos com maturação avançada para a idade cronológica, sendo, assim, perfeitamente natural essa superioridade momentânea? Quantos e quantos destes *campeões* não abandonarão a competição ou não se perderão no mais perfeito anonimato quando, terminada essa superior velocidade de amadurecimento biológico, se tiverem de confrontar em igualdade de circunstâncias?

Contudo, as pressões são imensas. Toda a *máquina* está montada para empurrar estes jovens para a *performance* prematura, dando-lhes visibilidade mas, sobretudo, aos que os rodeiam: pais, dirigentes, treinadores, *media*, são os principais responsáveis por esta *medalhite* que, qual pandemia, se propagou e inquinou aquelas que deveriam ser as tranquilas e saudáveis águas do desporto jovem.

É urgente que todos se consciencializem que não são os jovens que deverão servir e alimentar o fenómeno desportivo mas sim o desporto que deverá estar ao serviço dos jovens. Mais do que campeões, interessa principalmente que os nossos jovens ganhem gosto pela prática de atividade física e que este se mantenha durante toda a vida, o que, como sabemos, não está a ser conseguido. E quem se preocupa?

Conversa da treta (24 de abril de 2008)

Amigos que sabem o quanto me interesse pela temática do espírito desportivo e do desenvolvimento de valores a par da prática desportiva, enviaram-me, há dias, um vídeo onde, felizmente, o *fairplay* não foi uma treta. Num jogo de futebol disputado, creio, na Holanda, um jogador, ao devolver a bola à equipa adversária, retribuindo o gesto desportivo anterior desta, introduziu-a, involuntariamente, na baliza, obtendo um golo (legalmente válido) para a sua equipa. A estupefação foi geral, sendo fácil perceber que o mais aflito e incomodado com a situação era o executante do pontapé certo. Alguém adivinha o que se passou a seguir? Lembrem-se, isto passou-se na Holanda, não façam confusão! Pois bem: a bola foi repostada a meio-campo, como não podia deixar de ser, e, para raiva dos que entendem que o sentido ético não deve, para o domínio desportivo, ser chamado, a equipa que obtivera golo da forma insólita e injusta que referimos ficou, simplesmente... parada, deixando que os adversários progredissem no terreno, de forma livre, até à sua baliza. Aí chegados, mais não tiveram de fazer, ainda que de forma algo envergonhada, do que empurrar a bola para o fundo da baliza contrária, sem a mínima oposição, inclusive, do guarda-redes, o qual, ostensivamente, se afastou da mesma, não esboçando qualquer intenção de travar o movimento do esférico rumo à rede que defendia. Foi, deste modo, repostada, mais do que a legalidade, a moralidade, a qual havia, inadvertidamente, sido... pontapeada!

Este e outros exemplos deviam ser mostrados às crianças e com elas discutidos, levando-as a perceber que a competição desportiva só fará sentido e só será gratificante quando for disputada, dentro do possível, em igualdade de circunstâncias e no maior respeito por todos os intervenientes. Situações como esta ajudarão, certamente, a rebater as infelizes atoardas de pessoas que, pelo (i)mediatismo que lhes é habitual e desproporcionalmente concedido, deveriam ter o maior cuidado nas afirmações que produzem, sabendo do impacte (negativo) que acabarão por ter na formação do raciocínio moral, ético dos nossos jovens. Pela minha parte, continuarei a lutar por uma humanização da prática desportiva, onde a estética e a ética tenham o lugar que, julgo, merecem. Comigo, a conversa da treta não pega, nem que venha de Jesus...

Não é fácil... (3 de dezembro de 2009)

A realização de um Congresso Nacional de Educação Física (o 8º, tendo o primeiro decorrido na Figueira da Foz em 1988) é, naturalmente, um excelente motivo para a concretização de mais uma crónica neste nosso semanário. Subordinado ao tema “Educação, Saúde e Desporto: Compromisso e Desenvolvimento Profissional em Educação Física”, foi mais uma oportunidade para encontrar colegas que só se veem de tempos a tempos e, fundamentalmente, para discutir assuntos atuais e que preocupam os profissionais desta área. Não podendo, obviamente, falar de tudo o que se abordou, gostava de destacar o painel do último dia, dedicado ao relacionamento entre o sucesso do treino e a qualidade do treinador. Tendo como moderador a figura mítica do Professor Hermínio Barreto, pudemos ainda escutar as opiniões de pessoas de elevado prestígio como os Professores João Vilas Boas, José Curado, Paulo Cunha e Luís Sardinha. Em todos, a preocupação com a qualidade dos treinadores e, naturalmente, com a qualidade da sua formação. Em termos legislativos, essa preocupação parece também evidente, desde o Regime Jurídico da Formação Desportiva no Quadro da Formação Profissional, estabelecido pelo Decreto - Lei n.º 407/99, de 15 de Outubro, até ao Decreto - Lei n.º 396/2007, de 31 de Dezembro, que estabelece o Regime Jurídico do Sistema Nacional de Qualificações e, mais recentemente, pelo Decreto-Lei n.º 248-A/2008 de 31 de Dezembro, o qual definiu o regime de acesso e exercício da atividade de treinador de desporto (na sequência do disposto nos artigos 35.º e 43.º da Lei n.º 5/2007, de 16 de Janeiro — Lei de Bases da Atividade Física e do Desporto). Estando todos de acordo com

o carácter indispensável da existência de bons treinadores, mais difícil se torna chegar a um consenso sobre o que caracteriza esse bom treinador. Nos ditos escalões de formação essa dificuldade será, ainda, maior, pois a sua avaliação não deverá passar, claramente, pela contabilização de vitórias ou pelas medalhas obtidas. Infelizmente, e apesar de todas as preocupações e alertas, ainda é por aí que muitos aferem a referida competência dos técnicos destes escalões. Tendo sido, uma vez mais, referido o papel muito negativo que muitos pais têm na formação desportiva dos seus filhos, empunhando cronómetros e vociferando impropérios nos palcos desportivos, não se apercebendo das consequências nefastas destas e de semelhantes atitudes, lanço o desafio aos Clubes, Associações e demais instituições que lidam com a formação de jovens atletas para que promovam ações dirigidas especificamente aos pais destas crianças e adolescentes, mostrando-lhes, claramente, o que devem e o que não devem fazer a este nível, ensinando-os, também, a reconhecer a competência do treinador que lida com os seus filhos por outra via que não a do *medalhómetro*. Os nossos jovens, certamente, agradecerão.

Presentes para o futuro (24 de dezembro de 2009)

Não sei se os leitores deste semanário terão oportunidade de ler esta crónica antes do Natal. Preocupados com os últimos preparativos para a noite de consoada e com a compra daquele presente ainda em falta, é provável que só a consigam ler depois da visita do Pai Natal. De qualquer forma, esperando ir ainda a tempo de ser atendido pelo simpático velhinho (este ano, pelas razões conhecidas, menos beijoqueiro), aqui deixo uma lista de presentes que gostaria de ver distribuídos pelas crianças da nossa cidade, se mais longe não puderem, também, ser levados: pais que se preocupem com eles e com a sua felicidade, motivando para a prática desportiva sem lhes colocar pressões exageradas e desajustadas; treinadores competentes, vendo à sua frente, antes de um atleta, uma criança que precisa de se desenvolver na sua plenitude; dirigentes desportivos bem formados, percebendo que as vitórias não são para conquistar a qualquer preço, principalmente se esse preço se traduzir num abandono precoce da prática desportiva ou numa limitação futura da qualidade dessa mesma prática; jornalistas desportivos com sólidos conhecimentos relativos aos assuntos sobre os quais escrevem e cientes das implicações dos seus comentários, banindo, de uma vez por todas, frases como “*a equipa de infantis esmagou... cilindrou...*,” etc; horários de treino e de competição adequados;

equipamentos e instalações de qualidade; competição ajustada às idades biológicas e não às idades cronológicas; prática multidesportiva, evitando uma especialização precoce; fim da atribuição de subsídios ou apoios a clubes em função de resultados desportivos obtidos por crianças e jovens; valorização de comportamentos reveladores de bom espírito desportivo, sendo esse um dos principais aspetos a salientar nas notícias desportivas que falem de jovens atletas; Programas de Educação Física efetivamente cumpridos, garantindo um trajeto gradual e consolidado ao longo do percurso do desenvolvimento (motor e desportivo) da criança; brinquedos com que as crianças brinquem, de forma ativa, em vez de brinquedos que (quase) brincam sozinhos; fim da hiperssegurança e da superproteção a que as crianças são sujeitas, as quais fazem com que, entre outras consequências, não haja lugar para o risco controlado que estimula o desenvolvimento e carros se amontoem à porta das escolas, diminuindo a quantidade de exercício físico diário dos jovens. Sim, Pai Natal, percebo esse teu franzir de testa, mas não é por as coisas parecerem impossíveis que devemos desistir de tentar fazer com que aconteçam!

Jogos de corredor (8 de abril de 2010)

Sempre gostei muito de futebol. Lembro-me de, há mais de 30 anos, passar tardes (e parte das noites) em animadas *futeboladas* de rua, sem grandes preocupações regulamentares e com ainda menos espartilhos táticos, com a criatividade à solta e o engodo pela baliza ao rubro (sem conotações cromático-clubísticas). A par desses momentos de confraternização em grande grupo, o futebol marcava ainda presença em disputas de 1x1 em recinto fechado, mais propriamente no corredor de casa dos meus avós. Uma vez, era um *porta a porta*, com direito a um remate direto a partir da própria; outras, permitia-se a progressão e as fintas, dificultadas (mas também, por essa via, aprimoradas) por se fazerem num espaço tão exíguo; noutros casos, ainda, era o jogo do *Olé!*, em que o objetivo era, tão-somente, manter a posse da bola. Em todas estas situações havia um elemento marcante e que se revelava, quando bem aproveitado, um auxiliar precioso: a parede. Na verdade, os jogos no corredor viviam muito daquele ressaltado mais ou menos *milagroso*, auxiliar (às vezes...) do avançado e extremamente perturbador para o defensor. Dois acontecimentos recentes fizeram-me lembrar estes alegres momentos. Um, por altura do Carnaval: estando uns dias de férias com uns amigos que apreciam, tanto quanto eu, o *Geocaching*, pude, com o Miguel, de 8 anos, dedicar parte do período

pré-jantar a *furiosos* jogos de corredor, cada qual tentando defender o seu quarto o melhor possível das investidas adversárias e retribuindo com ataques de igual intensidade! Não admira, assim, que alguns desses jogos terminassem com um conveniente empate a 20 (e até mais), só se interrompendo com o chamar insistente para a janta dos *garotos* que teimavam em jogar até ao anoitecer. O outro, mais próximo, aconteceu há cerca de uma semana: desafiado pelo meu colega Nuno Amaro, fui experimentar uma modalidade da qual já tinha ouvido falar, o *Jorkyball*. Tendo apenas uma vaga ideia da forma como se jogava, qual não foi o meu espanto quando percebi que havia ali um misto de squash, matraquilhos e... futebol *de corredor*! E só não jogámos até ao anoitecer porque as pernas se queixaram!

Todos (in)diferentes? (20 de maio de 2010)

Há palavras de que, à primeira leitura (ou audição), gostamos. Outras, pelo contrário, fazem-nos *pele de galinha*, nem sempre se encontrando justificação racional para tal. Pessoalmente, não gosto da palavra tolerância. Do latim *tolerare*, que significa, em traços gerais, *suportar um peso*, a palavra tolerância é, com alguma frequência, apresentada como virtude. Virtude de quem, embora não concordando com a opinião, em diferentes domínios, de outrem, a *tolera*. Pelo contrário, os intolerantes (religiosos, políticos, morais, desportivos) não admitem opiniões contrárias, sendo reconhecidos como fanáticos ou fundamentalistas. Permitam-me discordar. Há, a meu ver, uma grande diferença entre *tolerar* e *respeitar*. Tolerar, na sua essência, implicará suportar (como vimos) as opiniões, convicções ou ações de alguém, embora convencido da superioridade das suas próprias. Ser tolerante é admitir que algo ou alguém esteja errado mas, ainda assim, aceitar esse erro. Centrando-nos, como é suposto nestas crónicas, no âmbito desportivo, também aí se fala de tolerantes e de intolerantes. Para mim, quem não entende que só faz sentido apoiar um clube, equipa ou atleta no respeito pelo apoio de outros a outros clubes, equipas ou atletas, não é, certamente, social e eticamente bem formado, sendo quase indiferenciável a fronteira entre o tolerante (tolo errante?) e o intolerante. Ou seja, partir vidros de autocarros, apedrejar adeptos de outros clubes, entoar cânticos ofensivos para com os adversários ou ostentar cachecóis asneirentos, denegrindo outros ao invés de apoiar os (ou em simultâneo com o apoio aos) próprios, denota intolerância. E dedicar 36 das 40 páginas de um jornal a uma só modalidade, ignorando *olimpicamente*

as restantes ou dedicando-lhes um espaço residual e irrisório, é o quê? Tolerância ou tolerância? Pois, tolera-se a sua existência, admite-se que haja quem as pratique e as aprecie mas... não se lhes dedica espaço que se veja. Assim, mais do que tolerar, gostava que, de forma ativa e enfática, se apregoasse e defendesse, agindo, o respeito pela diferença, estando esta, quase sempre, associada a uma determinada minoria. Quando é que veremos, no futebol, um comentador a dizer que *a União de Leiria (o Chaves, a Académica, etc.) precisa de fazer isto ou aquilo para vencer*, ao invés de termos de ouvir os comentários, *nada facciosos*, apelando à mobilização de recursos dos ditos *grandes* para chegarem à vitória? As minorias (ou *os outros*, ainda que em igual ou maior número), também são gente. E porque sou otimista, estou plenamente convencido, embora não gostando da palavra, de que passaremos a ter sucessivas tolerâncias de ponto aquando da visita de um qualquer chefe de estado ou líder religioso, bem como nos será permitido, a todos, invadir ruas e parar o trânsito quando a nossa equipa do coração se sagrar campeã nacional de ténis de mesa, buzinando durante toda a noite.

Uma outra forma de pensar o movimento (10 de junho de 2010)

Nos passados dias 1 e 2 de Junho tive a possibilidade de assistir a um Seminário proferido por um eminente cientista. Trata-se do Professor Doutor Scott Kelso, um neurocientista nascido na Irlanda do Norte, Professor de Sistemas Complexos e Ciências do Cérebro, de Psicologia, Ciências Biológicas e Ciência Biomédica na Universidade Atlântica da Florida e na Universidade de Ulster, em Derry, na sua Terra Natal. O Professor Kelso dedicou grande parte da sua vida enquanto investigador à Ciência da Coordenação e, dentro desta, à Dinâmica da Coordenação, procurando determinar os mecanismos fundamentais que estão na base dos movimentos voluntários que realizamos e na sua relação com a dinâmica de coordenação de maior escala do cérebro humano. A “originalidade” da sua abordagem reside no fato de olhar para a produção de movimentos não sob o ponto de vista da mecânica clássica (forças aplicadas em determinados pontos que provocam acelerações em corpos de determinadas massas) mas antes sob o prisma de uma Dinâmica Coordenativa. Entre outros aspetos abordados, as imagens apresentadas relativas à ativação cerebral aquando da produção de determinados movimentos, em determinadas circunstâncias, são, de fato, fantásticas. Um exemplo: se tentarmos bater ritmicamente com um dedo no tampo da secretária, fazendo coincidir esse batimento com

um sinal sonoro repetitivo (produzido por um metrônomo ou por outro dispositivo análogo), tal provoca uma dada ativação cerebral; por outro lado, se tentarmos fazer com que o batimento produzido ocorra em contratempo ao sinal acústico (sinal no tempo forte e batimento no fraco), apesar de, aos olhos de quem observa, os dois tipos de movimento serem rigorosamente iguais, em termos neurológicos pode-se observar uma ativação de mais áreas cerebrais, revelando uma tarefa mais complicada por implicar mais cálculos espaço-temporais, maior abstração, etc. O investigador salientou ainda a importância de, quando se pretende ensinar alguém a fazer algo de novo, conhecer com o rigor possível aquilo de que ele já é capaz, nomeadamente as suas tendências coordenativas, adquiridas ao longo da sua experiência vivida. No que diz respeito a implicações para a organização da aprendizagem motora/desportiva, tal significará conhecer as dinâmicas individuais, não fazendo tábua rasa do que os aprendizes à nossa frente possuem. Como sabemos, pelos mais variados condicionalismos, é raro fazermos uma real adaptação daquilo que queremos ensinar às pessoas a quem queremos ensinar algo. Na verdade, será como ignorar, à entrada para o 1º Ciclo do Ensino Básico, todo o passado das crianças, nomeadamente ensinando todas por igual, independentemente de terem ou não frequentado o Jardim de Infância. O neurocientista deixou ainda, implicitamente, uma crítica ao tradicional ensino por “progressões pedagógicas”, aquisição de componentes críticas, etc., ao salientar que é a função que faz a forma e não o contrário, ou seja, mais importante do que ensinar “a” forma correta de executar algo é fazer perceber o que se pretende atingir e levar a pessoa a encontrar “as” diversas formas para lá chegar. Por outras palavras, se, para resolver uma dada situação num jogo coletivo, se tiver de utilizar *o pé que está mais à mão*, por que não fazê-lo? Se for mais eficaz pontapear *de bico*, por permitir uma execução mais rápida ou por outro motivo qualquer, por que o reprimir? Em Biologia, chama-se à capacidade que determinados elementos, estruturalmente diferentes, têm para executar a mesma função ou produzir o mesmo resultado, Degeneração (sem ter o sentido negativo tradicionalmente inerente); na verdade, determinadas estruturas *degeneram* porque passam a efetuar uma função que, antes, não tinham. É o caso da ativação de determinadas áreas cerebrais, na sequência de acidentes vasculares, que substituem aquelas que ficaram lesionadas. E um joelho pode muito bem substituir a parte interna ou o peito do pé, se necessário, para marcar um golo em Futebol. Pois, por vezes até uma mão o faz...

Formar quem, como e para quê? (22 de julho de 2010)

Quando se fala em *formação*, no âmbito desportivo, diversos âmbitos de análise e aspetos deverão ser observados, mas vou-me cingir, essencialmente, a três: formar quem, como e para quê. *Quem* formar, dirão, é óbvio: os jovens que chegam aos clubes. Mas quem nos garante que os jovens que chegam aos clubes *querem* ser forma(ta)dos? Quantos são os clubes que, chegando-lhes um jovem, pela primeira vez, às suas instalações, se preocupam em tentar perceber *por que* motivo ele ali está, que motivações e expectativas traz, o que esperam os seus pais, etc.? Será que a atividade a desenvolver com um jovem que visa, pura e simplesmente, divertir-se na companhia de colegas, num ambiente seguro, praticando uma modalidade de que gosta, será a mesma de um outro que pretende, além disso, percorrer um trajeto que, eventualmente, o coloque no rumo de vir a competir ao mais alto nível? Dir-me-ão, provavelmente, que muitos não saberão, quando chegam, aquilo que querem e, por isso, deverão ser sujeitos aos mesmos estímulos, tarefas e propostas motoras, vendo-se, depois, quais os que aguentam. Faz-me lembrar os países onde as crianças não tinham (em alguns ainda não terão), pelo menos, a sorte de poder desistir. Desistir é, precisamente, o que acontecerá a tantos, provavelmente devido a essa abordagem formatada, na altura em que poderiam começar, efetivamente, a preparar-se de uma forma mais específica. No que diz respeito ao *como* e ao *para que* fazer essa preparação, parece claro e deveria ser consensual (mas, na prática, não é...) que os métodos a utilizar não deverão ser os mesmos do treino de adultos. Ainda assim, pensemos na preocupação, por exemplo, nos desportos coletivos, em implantar, desde os escalões mais jovens, um *modelo de jogo* a que todos se sujeitem, dado ser esse modelo o que se utiliza no escalão sénior. Acaso existe a ilusão de que aquela equipa de infantis chegará incólume e completa a seniores, naquele clube? O que acontecerá à esmagadora maioria que não terá lugar nos seniores e terá de ir para outro clube com outro *modelo de jogo*? E quando receberem, eles próprios, atletas formados noutra clube com outro *modelo*? E são os modelos que interessa homogeneizar ou serão os princípios de jogo que deverão ser interiorizados, compreendidos e aplicados por todos, independentemente do modelo? A verdade, caros leitores, é outra, e bem mesquinha: com raras exceções, os clubes, os seus dirigentes, os treinadores, os pais dos atletas, as autarquias, enfim, todos aqueles que vislumbrem a possibilidade de um retorno mediático, garantido pela ignorância pedagógica de pseudojornalistas desportivos, pouco se estão ralando se aquela forma de treinar estará ou não correta. Acreditam que, quanto mais ganharem agora, mais ganharão no futuro. Como tantos investigadores já constataram, a percentagem de atletas que surge em lugares cimeiros no escalão sénior após já lá ter estado nos escalões de

formação é bastante reduzida, sendo tanto menor quanto mais baixo o escalão considerado. Competições mal estruturadas, treinos e preparação desportiva condicionados por aquelas, e não o contrário, só poderão dar maus resultados, a prazo. Infelizmente, nestes tempos tão efémeros, já ninguém se lembra do *devagar se vai ao longe*. Enquanto continuarem os subsídios camarários aos clubes em função dos resultados de infantis, as competições jovens tendo por exclusivo critério a idade cronológica dos competidores e a identificação dos melhores treinadores destes escalões por respeito aos títulos aí obtidos, continuaremos, estupidamente, a comprometer o seu possível trajeto desportivo. Para quê?

Bom dia, caro Professor,

O coordenador técnico distrital de futebol disse-me recentemente que já não aparecem **talentos**. O DTR de atletismo disse-me mais ou menos a mesma coisa. Parece que é um mal generalizado. Gostava de perceber porquê e o Professor é a pessoa indicada para me explicar.

PERGUNTAS/RESPOSTAS

1 - Os treinadores dos escalões de formação das várias modalidades queixam-se de cada vez aparecerem menos miúdos talentosos. Este é um problema que já está identificado pela comunidade que se dedica ao estudo da Motricidade Humana?

Resposta 1: Para responder à questão temos de começar pelo princípio: o que é um indivíduo talentoso? A resposta não é, obviamente, fácil nem consensual; ainda assim, é provável que não cause grande oposição se se disser que um indivíduo talentoso é alguém que se destaca, superiormente, pelas suas capacidades. Neste sentido, falar-se-á de talento desportivo quando alguém, em termos gerais ou numa dada especialidade, revele aptidões e performances desportivas bem acima da média (há quem refira o valor de corte de 98% no que se refere a percentis, isto é, o talento desportivo está num dado resultado ou indicador superior aos revelados por 97 em cada 100 indivíduos de uma dada população).

Por outro lado, mais complicado se torna falar de talento desportivo em jovens, ou seja, em alguém que, numa idade pré ou peripubertária, é claramente superior à maioria dos jovens da mesma idade cronológica. Na verdade, tal não será garantia de que, em idades mais avançadas, tal superioridade se irá continuar a manifestar: poder-se-á falar, nestes casos, de verdadeiros talentos desportivos ou de “meros” casos de avanço de desenvolvimento biológico? Quem não conhece casos destes em que, de vencedores em todos os torneios realizados, os jovens passam a verdadeiros incógnitos, ultrapassados por aqueles que, paulatinamente, tiveram o seu desenvolvimento materializado mais tarde? Na verdade, é essa, muitas vezes, a causa de abandonos desportivos precoces. Ou seja, iludidos por agentes desportivos ignorantes, ainda que de boa fé, desistem quando começam a perceber que não conseguem manter a superioridade anteriormente revelada, seja porque foram demasiado treinados precocemente seja porque, confiando na superioridade do seu avanço biológico, não tiveram de se “aplicar” a fundo para garantir que o desenvolvimento continuaria a decorrer. Quantos e quantos jovens, desprezados por aparentes frágeis condições iniciais (baixa estatura, níveis baixos de potência muscular, velocidade, etc), não vieram, posteriormente, a revelar-se verdadeiros talentos, ou seja, atletas acima da média?

Provavelmente, cada vez aparecem menos miúdos dispostos a fazer os sacrifícios que os agentes desportivos sabem ser necessário fazer-se para se atingirem determinados níveis de prestação motora.

O talento dá muito trabalho!

2 - O que está por detrás desta questão?

Resposta 2: O que eu penso sobre isto está já indiciado no final da resposta anterior: basta passar os olhos pelas secções desportivas dos jornais, nomeadamente do Jornal de Leiria, para perceber que os jovens não querem, de um modo geral, continuar a fazer diversos sacrifícios, sejam eles levantar-se às 6 da manhã para irem nadar ou não sair às sextas ou aos sábados à noite por causa da competição do dia seguinte.

Por outro lado, atendendo a que o talento terá, necessariamente, uma componente mais ou menos nata e outra adquirida, é natural que uma sociedade em que as rotinas diárias quase que empurram a atividade física para um canto, apesar do discurso oficial contrário, vejam os seus elementos, jovens incluídos, apresentar um declínio nas suas componentes da aptidão física. Ainda que possa existir um grande potencial, ele precisa de ser atualizado, efetivado pela experiência motora, a qual, há alguns anos, era dada pela vivência motora e desportiva da rua, agora quase inexistente, pelos motivos que todos conhecemos.

3 – Quem são os principais responsáveis?

Resposta 3: De um modo geral, a sociedade: o sentimento de insegurança dos pais impede-os de deixar os seus filhos brincar livremente nas ruas, como acontecia na minha infância e juventude, em que era habitual ficarmos a jogar na rua até altas horas da noite. Por outro lado, uma certa cultura que exacerba o valor do Português e da Matemática em detrimento das artes e das matérias mais corporais, dito de forma simplista. Depois, uma dispersão e multiplicidade de estímulos e desafios que, naturalmente, fazem com que haja outros interesses e práticas, eventualmente mais intelectuais e baseadas em componentes tecnológicas. Talvez não seja por acaso que uma das estratégias para aumentar o envolvimento motor dos jovens passe, precisamente, por colocar essas mesmas ferramentas tecnológicas ao serviço da atividade física, como são os casos de alguns jogos de consolas de todos conhecidas.

4 – Não será um contrassenso, numa altura em que até há AEC direcionadas para a atividade física?

Resposta 4: Seria um contrassenso se as AEC funcionassem bem. Seria um contrassenso se houvesse uma verdadeira aposta na atividade motora no 1º CEB mas, infelizmente, não há. Numa grande quantidade de casos, as AEC são mal conduzidas, por agentes desmotivados (5 euros à hora, recibos verdes?) e com práticas que, ao invés de alargar experiências motoras, afunilam para as modalidades praticadas pelo clube que as promove; aqueles alunos que não gostam desmotivam, naturalmente. Por outro lado, há que não esquecer que essas AEC são de livre escolha, pelo que nem todas as crianças passarão por elas, como aconteceria se se cumprissem os Programas do 1º CEB. Finalmente, o tempo dedicado a essa prática é claramente insuficiente, seja o tempo programa (tempo oficial das AEC) seja o tempo real de empenhamento motor. Diria que, como estão, as AEC farão mais mal do que bem, pois constituirão, para muitos jovens, experiências negativas, com elevados tempos de espera em filas intermináveis, etc. Nalguns casos, por exemplo, o tempo que os alunos passam dentro de água, em natação, não ultrapassa os 15 minutos, devido a problemas relacionados com transportes, deslocações, etc.

5 - É possível inverter a situação? Como?

Resposta 5: Seria, se tivéssemos governantes que percebessem claramente a importância da prática de atividade física e desportiva. Governantes que não passaram pela experiência dessa prática dificilmente reservarão nas agendas políticas o espaço que aquela merece. Como disse atrás, o que parece importar é o Português e a Matemática. Depois, diz-se que há que apostar

na atividade física e coloca-se o IVA dos ginásios a 23%: qual é a lógica? Vamos pagar muito caro estas opções...

6 - Podemos correr o risco de, como se passa em França, a breve prazo ter uma seleção quase exclusivamente composta por atletas nascidos nas ex-colónias, onde as crianças ainda brincam na rua?

Resposta 6: Sinceramente, estou pouco (ou nada) preocupado com tudo o que diga respeito a seleções, sejam elas de que tipo sejam. Interessa-me, sobretudo, que haja uma cultura onde seja, de facto, dada importância real à atividade motora e desportiva. Ainda assim, é óbvio, como disse em respostas anteriores, que a experiência motora em idades baixas é muito importante, sendo a cultura de rua um aspeto marcante. Ainda assim, quando se aceita que quase qualquer atleta possa fazer parte de qualquer seleção, com pequenas restrições, para quê fazer-se seleções? Seleções de quê? Que sentido faz alguém integrar uma seleção portuguesa porque não tem lugar na brasileira? Que sentido faz um português ser treinador da seleção de um outro país ou vice-versa? Será que o treinador não é um elemento importante da própria seleção? E, por essa via, não deveria ele ser, também, e obrigatoriamente, da nacionalidade da seleção que treina? Não estamos a falar de clubes e da livre circulação de trabalhadores, mas de uma seleção de um país. Ou estamos de acordo com a existência de mercenarismo desportivo? Quando um treinador português, a treinar uma seleção de hóquei em patins, por exemplo, moçambicana, defronta a seleção portuguesa, quer que ganhe quem? Fica contente pela derrota portuguesa? Exulta com os golos que lhe marca?

Em suma: não acredito em seleções nacionais, porque, pura e simplesmente, há muito deixaram de existir e, quanto a mim, não fazem atualmente sentido.

Quanto a resultados desportivos, é possível que, ainda que com menores valores e talentos desportivos, os avanços tecnológicos e o conhecimento científico, a par da repugnante ajuda de substâncias dopantes, permitam que estes continuem a aparecer e os recordes a ser batidos, incluindo o recorde do abandono desportivo.